

STEFAN BACIU

PRESENÇA DE PÉRET



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO CONGRESSO PELA LIBERDADE DA CULTURA

1962

REENTREVISTANDO BENJAMIN PÉRET

STEFAN BACHU

EM JUNHO de 1955, Benjamin Péret veio passar alguns meses no Brasil. Aqui já estivera, pouco depois da primeira guerra, durante algum tempo, casando-se com a cantora Elsie Houston, que lhe deu um filho brasileiro. Sua primeira passagem foi bastante agitada, tanto por razões pessoais, como por motivos políticos, quando o poeta foi apontado pelas autoridades como "perigoso agitador".

Este fato causou, duas décadas mais tarde, um incidente bastante pitoresco. Poucos dias antes de Péret embarcar para a França, depois de haver permanecido no Brasil por vários meses, devido a um daqueles mistérios que só a burocracia poderia explicar, alguém descobriu que o homem gordo e grisalho que não era senão o "perigoso agitador de outrora..."

Em seguida, acometidas de verdadeiro pânico, as autoridades deram os primeiros passos para expulsar do Brasil o poeta, causando, além do espanto geral, um movimento de protesto, encabeçado por vários escritores de renome, que, levantando sua voz contra a medida policial, também chamavam a atenção para o lado ridículo do incidente, que ameaçava transformar-se em verdadeiro "affaire".

Foi assim que Péret deixou, de novo, o Brasil, depois que a medida havia sido, como era natural, anulada: entre desapontado e irônico, com um sorriso nos lábios, que, muitas vezes, o abandonava, para dar lugar a uma *grimasse*, sobretudo quando se referia à estupidez e à

traição dos homens, quase sempre camuflados pelos chamados "ideais políticos".

Quero, passados sete anos daqueles dias, e Benjamin Péret morto humildemente em Paris, em fins de 1959, relatar em que condições se realizou a conversa da qual oferecemos esta entrevista quase inédita, já que inédito pode ser chamado qualquer material deste gênero, publicado em um suplemento literário, faz quase dois lustros.

Vinte e quatro horas apenas, após o desembarque do poeta, que passou despercebido, o chefe da reportagem do jornal "Tribuna da Imprensa", Hílcas Leite, que conhecera Péret nas fileiras do movimento trotskista, chamou-me a atenção sobre sua presença no Rio de Janeiro, encarregando-me, ao mesmo tempo, de entrevistá-lo, como poeta-militante que era, sobre a atualidade política francesa.

A França vivia então os dias repletos de surpresas de Pierre Mendès-France, e, não restava dúvida, o depoimento de um poeta militante só poderia ser des mais significativos.

Localizamos o poeta, que vivia em uma casa escondida em um jardim, numa rua tranqüila no pé do Corcovado, e, depois de marcar um encontro pelo telefone, subimos a ladeira, à noite, mantendo um

diálogo dos mais interessantes e agitados, durante o qual o poeta mostrou-se, uma vez mais, profundo conhecedor de todas as situações e fórmulas políticas, que jamais deixava de encarar como revolucionário autêntico, sem fazer concessões a ninguém.

Como, porém, era natural, também falamos em poesia, e nas suas repercussões imediatas na vida.

Foi assim, ao correr de uma entrevista política, que surgiram as primeiras perguntas sobre a atualidade do movimento supra-realista. No dia seguinte, depois de publicada a entrevista, Péret telefonou-me, para agradecer a apresentação que fizera ao depoimento e para louvar a fidelidade com que havia transmitido seu pensamento, especialmente no que se refere aos assuntos político-doutrinários.

Daquela conversa nasceu a idéia de uma segunda entrevista, dedicada unicamente a questões literárias, especialmente aos aspectos mais concretos do supra-realismo na França e no mundo.

Foi assim que subi, de novo, a ladeira da rua Faro, desta vez, porém, com um

longo questionário no bolso, que elaborara cuidadosamente para não esquecer nenhum problema dos que me pareciam importantes.

Péret recebeu-me no mesmo quarto em que já havíamos conversado — uma grande biblioteca — e, ao lado de uma lareira apagada, começamos um diálogo que se prolongou por mais de duas horas.

Durante todo este tempo, tomei notas, tentando transcrever as palavras do poeta, com a maior precisão em francês, para que não viessem a surgir mal-entendidos.

Assim mesmo, o poeta pediu-me que lhe enviasse o texto, o que fiz dois ou três dias depois.

Fiquei, porém, espantado, quando, no dia seguinte, em um grande envelope branco, recebi de volta minhas páginas, junto com um novo texto, revisado e muito ampliado pelo poeta, que, desta maneira, emprestava àquela entrevista um valor fora do comum. E, como se fosse para testemunhar seu apreço, ou seu agradecimento, Péret avisou-me sempre pelo telefone que não trouxera consigo nenhum livro, para poder oferecer-me um exem-



Benjamin Péret, na rua Faro, em 1955, conversa com Stefan Bach

plar, mas que, em troca, acompanhava o texto da entrevista pelo autógrafa de um dos seus poemas preferidos: "Une botte de carottes" escrito com letras finas, miúdas, que estampeei em um clichê na "Tribuna das Letras", de 18 de junho de 1955, onde, em uma página intitulada "Benjamin Péret faz o balanço do supra-realismo", apresentava vários trechos do diálogo. Este, na época, foi comentado com paixão, tanto nos suplementos literários como nas revistas políticas, já que os conformistas comunistas não perdoaram as palavras com que Péret desmascarava os bonzos do stalinismo.

Os mais recentes trabalhos em que se estuda o supra-realismo, muito mais atual nestes dias do que muitos dos chamados movimentos de vanguarda, mostram qual é, na realidade, a importância do lugar que Péret ocupa na mais destacada corrente literária da vanguarda, daquela que jamais traiu o homem e seus autênticos valores espirituais.

Por isso, publicando aqui alguns dos mais significativos artigos escritos sobre sua personalidade e sua mensagem poética e humana, reproduzimos hoje o depoimento em sua íntegra, assim como Péret o havia entregue em nossas mãos, contendo seu pensamento, sem disfarces, sem máscara.

Aproveitamos o manuscrito corrigido pelo poeta, mas, ao mesmo tempo, consultamos as notas que fizemos naquela oportunidade, guardando-as junto com as páginas datilografadas pelo poeta e uma fotografia do encontro.

Depois de publicada a entrevista, Péret telefonou com a mesma cordialidade, para expressar sua gratidão, quando nós tínhamos que lhe agradecer pela confiança mostrada.

Ficamos de marcar novo encontro, mas, como tantas vezes acontece, a rotina da vida nos separou.

Vi-o, pela última vez, em uma noite chuvosa, na fila de um cinema, na Avenida Nossa Senhora de Copacabana. Tinha

a gola da capa de chuva levantada e usava um grande cachecol, além da sua característica boina azul.

Acenamos, com a mão, um para o outro, como se fôssemos encontrar-nos no dia seguinte. Mas o novo encontro ficou para nunca mais.

Assim, a sombra de Benjamin Péret incorpora-se nestas palavras, fielmente suas, que são um depoimento, cuja transmissão é para nós um dever de honra, e de consciência também.

Creio, finalmente, ser inútil chamar a atenção sobre a atualidade — em todos os domínios — deste diálogo, que não vacilamos de qualificar de atualíssimo, mesmo nestes dias em que várias das suas personagens gostariam de aparecer como "desestalinizadas".

Com a precisão de um visionário, Péret havia antecipado muitas coisas que aqui estão, e seus vaticínios tornam mais apaixonante a leitura destas palavras que — ainda hoje — vêm do meio da vida.

Do supra-realismo ao existencialismo

BACIU: Durante os últimos anos, surgiram na França vários escritores e poetas de tendência supra-realista. Como pode ser definida sua atividade? Quais suas vinculações com as características do movimento em sua fase inicial, tipicamente revolucionária?

PÉRET: "A ação do movimento supra-realista, naturalmente, não conservou o aspecto espetacular que tinha durante os anos 1923-1930 e que se perpetuou até a guerra. Isto se deve, antes de mais nada, ao fato de que o supra-realismo se infiltrou na vida, aparecendo hoje em dia em todas as manifestações. Até o movimento que mais hostiliza o supra-realismo, o existencialismo, não pôde nascer senão em oposição a êle, mostrando desta maneira sua existência.

O que outrora constituía uma reivindicação imperiosa recebeu, na pior das hi-

póteses, um comêço de satisfação. Em todo caso, a poeira depositada em todos os lugares pelo passado foi varrida. Mas nada é mais tenaz do que a poeira: ela ressurge em tôdas as partes e ameaça, sem cessar, abafar a vida. Uma constante vigilância impõe-se, pois. Esta é a única maneira de consolidar as vantagens conquistadas, enquanto esperamos que nôvo passo para a frente seja possível.

O movimento supra-realista não está satisfeito, de modo algum, com o que obteve. Se estivesse, isto significaria que deixou de existir como movimento e que morreu, pois apenas os mortos nada desejam”.

Ação Direta

BACIU: *Gostaria saber como define as atividades do primeiro grupo, daquele que, hoje, poderíamos chamar dos pioneiros.*

PÉRET: “Não é menos evidente o fato de que entre o supra-realismo do comêço e aquilo em que se tornou, pode-se anotar uma sensível diferença. Nós tentamos, antes, agir diretamente sôbre a vida, tomando parte nas ações que tentavam transformar a sociedade. Persistimos em pensar que isto deve sofrer uma modificação radical. Mas, qual a parte da condição social do homem que é alheia à natureza humana? Se a condição social do homem é suscetível de melhoramentos substanciais que podem torná-la, durante algum tempo, plenamente satisfatória, será que o mesmo acontece também com a natureza humana?”

Isto comporta ou não uma parte inalterável, que será geradora de insatisfação social? Realmente, é impossível conceber uma sociedade perfeita, porque os homens são indefinidamente perfectíveis. Isto não quer dizer que os supra-realistas abandonaram a participação nas aspirações sociais das classes oprimidas, mas sômente a tomada em consideração de um fator humano que, antes, não tinha recebido de nossa parte tôda a atenção desejada”.

Os Jovens

BACIU: *Sei que existe em Paris um grupo de poetas e pintores que, mesmo*

se não estão, por assim dizer, oficialmente ligados ao movimento, realizam suas atividades dentro de sua órbita. Quais a posição e a contribuição dêste grupo no movimento supra-realista?

PÉRET: “A guerra produziu na mocidade violentos movimentos de fluxo e refluxo, que, de um lado, a aproximaram do supra-realismo, e, de outro lado, a afastaram. Existe, porém, em Paris, um grupo de jovens que participa do movimento supra-realista. Mas êsses jovens não deram ainda aquilo que podem dar, até não tiveram possibilidade de fazê-lo.

Creio que ainda não terminaram, para êles mesmos, a crítica dos mais velhos, sem a qual não é possível qualquer ação independente, tenãente a ultrapassar os exemplos que conheceram. Assistimos, neste caso, a uma das ações negativas da guerra, que causou nos espíritos perturbações que sômente o tempo remediará”.

Monstruoso Cruzamento

BACIU: *Vários poetas que estiveram ligados ao supra-realismo, ou apenas dêle se aproximaram, como Eluard e Aragon, out, no segundo grupo, o chileno Pablo Neruda, ingressaram no Partido Comunista, e escreveram segundo as receitas de Stalin, que disse serem os escritores e poetas os “engenheiros das almas”. Como encara esta poesia stalinista?*

PÉRET: “Poesia stalinista? Deixe-me rir. Falar em poesia “stalinista” equivale a evocar um monstro nascido do cruzamento de um leão com uma vaca. Aliás, eu me pronunciei a êste respeito, num livro publicado em 1945, intitulado “A desonra dos poetas”. Dizia eu naquele livro, em resumo, que a poesia é, em sua essência, revolucionária (no mais largo sentido da noção), e que a intenção de misturá-la com palavras-de-ordem políticas significa criar uma confusão mortal, tanto para a poesia quanto para a revolução social.

“Esta última tem à sua disposição tôdas as formas racionais de pensar. Eu rejeitava êsse coquetel envenenado e recusava considerá-lo, tanto sob o ângulo poético, quanto sob o revolucionário.

Acusava-o de ter apenas valor de publicidade, comparável aos "slogans" com que a imprensa e o rádio nos enchem diariamente".

Os Traidores

BACIU: *Deixe-me interrompê-lo um instante a fim de pedir que defina, de maneira mais exata, seu pensamento sobre os trabalhos e as atividades de três poetas que considero mais representativos nesta corrente, Paul Eluard, Louis Aragon, Tristan Tzara.*

PÉRET: "Naquele trabalho, eu atacava particularmente Aragon e Eluard, o primeiro tendo traído a poesia por incapacidade de se exprimir neste plano, e, o segundo, pelo fato de ter cedido a uma fadiga precoce. Desde 1935, êle queria "estar tranqüilo", conforme suas próprias palavras. Além disto, gostava muito de viver confortavelmente. Podia encontrar esta segurança material, apenas passando ao catolicismo ou ao stalinismo, um valendo tanto quanto o outro. Sua conversão ao catolicismo (esta não teria sido a primeira: Eluard fez uma primeira comunhão aos 21 anos) teria constituído um escândalo, e o teria desacreditado na opinião de todos, enquanto sua adesão ao stalinismo podia parecer, para opiniões menos avisadas, como simples continuação de sua ação anterior, quando, na realidade, ela significava a renegação desta ação.

No que se refere a Tristan Tzara, peço desculpas por citar o nome deste indivíduo. Se os precedentes são, sobretudo, comerciantes conceituados êste último não hesita em vender mercadoria estragada. Trata-se do intelectual mais suspeito do stalinismo francês, e, por esta razão, é sempre encarregado das mais baixas atividades na imprensa da policia russa na França.

Sua simples presença dá, a alguns, vontade de vomitar e, a outros, entre os quais me conto, a vontade de insultá-lo, se alguém que se encontra abaixo no nível de qualquer injúria ainda pode ser insultado. É isto, porém, que faço, tôdas as vezes que tenho a infelicidade de en-

contrá-lo, sem dúvida para contrabalançar instintivamente êsse azar. E êle jamais protesta: até para isto é covarde demais".

Tito e Stalin

BACIU: *No panorama internacional do movimento, vários países do Leste europeu e dos Bálcãs contribuíram com importantes nomes para o desenvolvimento do supra-realismo. Nomeadamente na Iugoslávia, na Tchecoslováquia e na Romênia, os supra-realistas estiveram bastante ativos. Como trabalham êstes homens na era de Stalin e Tito?*

PÉRET: "Basta dizer-lhe que o antigo embaixador de Tito em Paris e o atual chefe do Estado-Maior do Exército iugoslavo foram os fundadores do movimento, naquele país. Inútil, naturalmente, comentar sua evolução.

Não é meaos verdadeiro o fato de que o supra-realismo continua influenciando subterraneamente os intelectuais iugoslavos. Tive a prova, faz pouco tempo, ao encontrar em Paris um jovem poeta de Zagreb (jovem, mas de grande valor), Radovan Ivsic, cuja peça teatral será apresentada, durante o próximo inverno, na capital francesa.

Nos outros países dos Bálcãs, e nos outros satélites de Moscou, o stalinismo corrompeu ou, simplesmente, assassinou todos os intelectuais ligados ao supra-realismo. É êste o caso da Tchecoslováquia, onde todos os supra-realistas foram mortos, exceto ~~meu~~ ^{meu} grande amigo Toyen, que conseguiu fugir, na hora exata, para Paris". Ta
H
minha

Na América Latina

BACIU: *Sei que sua presença no Brasil constitui uma segunda visita, como também sei que, durante a guerra, viveu algum tempo no México, participando, ao lado de André Breton, dos movimentos literários e artísticos, na vanguarda da vanguarda. Sei, ao mesmo tempo, que estudou com atenção a influência do supra-realismo nos países do Hemisfério.*

STEFAN BACIU

Quais os nomes mais importantes que poderia apontar? E, finalmente, qual a contribuição destes grupos em cada país?

PÉRET: "Houve considerável eco na América Latina. Aqui mesmo, no Brasil, tive a surpresa, faz 25 anos, de encontrar intelectuais de minha geração que conheciam e apreciavam o movimento, melhor

do que seus confrades de Paris. Grupos numericamente muito fracos surgiram quase em toda parte: César Moro e Westphalen no Peru; Cáceres (que morreu tragicamente, em 1949), Braulio Arenas e Gomez Corrêa, no Chile; e, em Cuba, Wilfredo Lam, são ainda pontos de atração para todos os pesquisadores".

"E o que viraram seus supra-realistas?"

"Depende. A maioria deles preferiu viver. Alguns deles são, nesta hora, clochards, outros, gente feita, outros, jamais chegarão a coisa alguma."

"Curioso que, com tudo isso, eles fizeram poesia! E mais do que isto! Porque se entregavam também a outras formas de expressão, das quais vocês ouviram falar: fôlhas soltas, "borboletas", manifestos, cartas abertas, manifestações. Eles também quebravam um pouco as caras que lhes eram antipáticas. E, depois, sobretudo, viviam, uma vida alegre, ardente, plena, ilimitada, da qual todos ficaram com saudades."

"Mas, então, afinal de contas, o que é o supra-realismo?"

"Tudo que acabo de dizer, e muita coisa mais. Mas peço-vos, fazeis como uma criancinha, e segui-me na jaula de feras; cuidado com os elefantes, pois são contagiosos, mas os leões são doces; vocês os ouvem rindo com Benjamin Péret? As girafas vêm cheirar "o pêlo que tendes na mão", e o grande tamanduá fez uma gravata da sua própria língua. Entrai, e "não tendes medo de serdes devorados".

(MAURICE NADEAU, "Histoire du Surrealisme").